

cultural



REVISTA DA
APM

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Março-Abril/2005 Nº 157

Academia de Medicina de São Paulo

Gestão 2005-2006



- Antonio de Pádua Bertelli
- Celso Carlos de Campos Guerra
- Guido Arturo Palomba
- José Luiz Gomes do Amaral
- José Roberto de Souza Baratella
- Luiz Baccala
- Luiz Celso Mattozinho França
- Luiz Fernando Pinheiro Franco
- Renato Andretto
- Rui Telles Pereira
- Samoel Atlas
- Sebastião de Almeida Prado Sampaio
- Sérgio Paulo Rigonatti
- Yvonne Capuano

“ Academia é um altar no templo da sabedoria, sobre o qual colocamos o ciclo de nossas vitórias e conquistas, e em seu pé, nossos erros e fracassos na tentativa de aprimoramento das idéias. ”

Samoel Atlas

A vida associativa tem sido um dos temas mais debatidos em nossos tempos de globalização. Velha prática que remonta às corporações de ofício medievais, a reunião de pessoas em torno de interesses comuns é examinada agora, pelos estudiosos, à luz das reflexões que envolvem práticas profissionais, cidadania, democracia e outros componentes essenciais da sociedade contemporânea.

Ao tomar posse como membro da nova diretoria da Academia de Medicina de São Paulo, cabe-me saudar, na figura do doutor Guido Arturo Palomba, os integrantes da equipe que nos cede lugar, hoje, na condução dos destinos de uma das mais antigas associações paulistas, com 110 anos de profícua existência. São inteiramente oportunas, portanto, as considerações que, a respeito da vida associativa, colocam-na como contraponto, não apenas de um agregado amorfo de indivíduos que trocam bens e serviços, no âmbito de sua prática profissional, mas também de determinações e diretrizes sociais únicas que não reconhecem, nessa prática, seus valores específicos.

Peças-chave do próprio conceito de sociedade civil, as associações e as academias são grupos auto-organizados que se caracterizam pela relativa independência que mantêm em relação às autoridades públicas, de um lado, e às organizações privadas, de outro; pela capacidade de realizar ações coletivas na promoção de seus interesses; e pela



defesa de princípios morais que se sobrepõem aos que o Estado formula em nome de todos.

A prática médica é dotada de peculiaridades cuja definição apresenta-se bastante complexa. Como serviço, incorpora progressivamente inovações tecnológicas, que ameaçam sua autonomia tradicional. Mas ao cristalizar-se na relação com os pacientes, cenário de tensão entre o conhecimento acumulado e o caso específico que lhe expõe o doente, obriga a tomadas de decisão e a responsabilidades individuais que ultrapassam, de longe, os parâmetros estabelecidos pelo exercício das demais profissões.

A Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, criada em fevereiro de 1895 para zelar pelos interesses da classe, já fundamentava seus propósitos de produzir um “manancial científico”, como rezavam os primeiros estatutos da entidade, a partir da experiência acumulada pelos médicos e da disposição para o estudo e a pesquisa. Ao longo

de sua trajetória no tempo, as lutas em prol de um trabalho solidário junto à população carente da cidade e as campanhas pela criação de cursos superiores à altura da nobre missão de curar foram inteiramente vitoriosas. A mudança de denominação, em 1953, quando passou a se chamar Academia de Medicina de São Paulo, em nada alterou seus altos propósitos humanitários e científicos, periodicamente reafirmados desde Luís Pereira Barreto, nosso primeiro diretor, até Guido Arturo Palomba, que soube tão bem honrar as tradições da entidade.

Que a gestão que ora se inicia sob a presidência do doutor Luiz Fernando Pinheiro Franco, e à qual tenho tanto orgulho de pertencer, possa desenvolver seus trabalhos sem quebrar a continuidade que nos manteve coesos por mais de um século, com os mesmos padrões éticos que aprendemos a admirar nas gerações que nos antecederam e com a mesma coragem de enfrentar os desafios que põem à prova, todos os dias, nossos conhecimentos e nosso sentimento de amor ao próximo.

Muito obrigada.
Yvonne Capuano

(Discurso pronunciado por Yvonne Capuano na solenidade de posse da nova diretoria da Academia de Medicina de São Paulo em 23 de março de 2005)

Biomédico, um *Aepyornis* revivido na medicina

Jorge Michalany

H. G. Wells, escritor de contos de ficção científica, relatou que, numa ilha deserta, um explorador de fósseis encontrou um ovo ainda fresco de *Aepyornis* enterrado no lodo de um pântano. Expôs o ovo ao sol, nascendo dele um filhote parecido a um pássaro comum, apenas um pouco maior.

Entusiasmado, o homem acolheu o bichinho, alimentou-o e tratou-o com carinho. Tornaram-se até amigos. Mas os tempos foram passando e o explorador viu, surpreso, que o pássaro, além de crescer exageradamente e mudar de aspecto físico, mudou também de temperamento, a ponto de não poder mais contê-lo. Foi obrigado a matá-lo e vender o esqueleto ao Museu Britânico. Em suma, em vez de um pássaro domesticado, o filhote se transformara no *Aepyornis*, a ave pré-histórica gigante e monstruosa.

Mutatis mutandis

O explorador: alguns professores da Escola Paulista de Medicina (EPM) com obsessão pela pesquisa e achando que a finalidade primordial da EPM seria a de formar o pesquisador, e não o médico profissional. Na realidade, tais professores não eram médicos no sentido hipocrático, apenas portadores de um diploma da medicina. Aliás, até uma docente do grupo nem era médica, e sim bioquímica.

O ovo: a idéia de criar o curso de biomedicina, a fim de formar pesquisadores das disciplinas básicas (anatomia, histologia, fisiologia, bioquímica e biofísica), isto é, as que estudam o homem normal. Como tais professores não eram médicos profissionais, incluíram erroneamente no curso matérias do homem patológico, como microbiologia, parasitologia e farmacologia.

O filhote: o curso de biomedicina da EPM, inaugurado em 1966, pelo qual

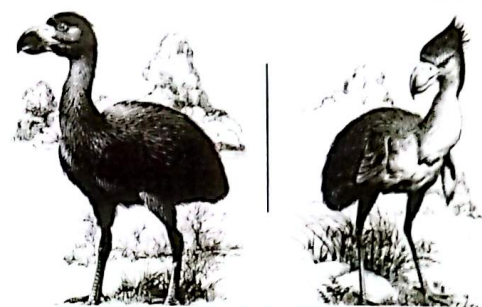
podiam obter o auxílio laboral dos alunos e verbas para suas pesquisas, visando, em geral, mais ao *homo chimicus* do que ao *homo anatomicus*.

A ave gigante: a regulamentação profissional, em 1977, e o gigantismo dos cursos de biomedicina no Brasil, nos quais foram incluídas a patologia clínica e a anatomia patológica, sendo esta uma matéria não básica exclusiva do médico. Essa deturpação foi incrementada por cinco professores de patologia de faculdades oficiais, também obsessivos por pesquisas, que, ademais, quiseram forçar o ingresso desses “semimédicos” na Sociedade Brasileira de Patologia (SBP), uma entidade médica! Tal “quinteto” professoral não avaliou que essa imposição poderia ser interpretada como um menosprezo aos médicos patologistas profissionais ou até como uma disfarçável traição à especialidade? Pois não seria o mesmo que impor o ingresso de enfermeiros na Associação Paulista de Medicina?

Por causa da minha ferrenha oposição ao biomédico e ao seu ingresso na SBP, tornei-me *persona non grata* para o “quinteto” e preferi demitir-me da Sociedade. Só voltei, anos depois, a pedido de um novo presidente, na qualidade de sócio emérito, mas havia perdido a batalha contra o invasor.

Mudança de temperamento: invasão da medicina e concorrência com o médico em várias áreas do mercado de trabalho da saúde. E o pior: os biomédicos, sem qualquer vivência em hospital e ambulatório, estão realizando diagnósticos cito e histopatológicos, um evidente exercício ilegal da medicina, conforme alerta da SBP.

Morte do Aepyornis: ao contrário da ave monstruosa que Wells matou e



cujo esqueleto vendeu para o museu, o curso de biomedicina está bem vivo, porque é mais fácil ser um “semimédico” patologista com apenas quatro anos de curso do que um médico patologista com oito anos de curso (seis de graduação e dois de residência)!

O esqueleto: se o curso de biomedicina tivesse sido extinto, tal como propus em 1977, seu imaginário esqueleto estaria enterrado num túmulo com a lápide *Requiescat in pace*, sendo visitado, apenas, pelos seus saudosistas criadores.

O museu: em vez de um museu expondo o esqueleto do invasor, pode-se ver o corpo bem vivo do biomédico nos departamentos de patologia de faculdades de medicina, laboratórios de patologia clínica e clínicas de prevenção de câncer ginecológico ocupando o lugar do médico!

Epílogo: todo médico que ama sua profissão e o estudante que escolheu essa carreira devem lutar não só contra a plethora de faculdades de medicina no Brasil, mas, principalmente, contra os invasores de nossa profissão. Caso contrário, haverá um *Delenda ars medica!*

Jorge Michalany

é Professor Titular Aposentado
de Anatomia Patológica

da Escola Paulista de Medicina – Unifesp,
Curador do Museu de História
da Medicina da APM

Conto médico-policial

Diretor dirige...

Vicente Amato Neto
e Jacyr Pasternak

Os alunos de tradicional Faculdade de Medicina na qual o doutor costumeiramente dava aulas estavam reclamando horrores do tipo de ensino a eles fornecido. As queixas eram consistentes e persistentes: quem aparecia na frente da classe não era o (a) cidadão(ã) que oficialmente figurava como o professor da matéria; a didática deixava muito a desejar, isso quando havia alguma; a informação vinha diretamente de alfarábios desatualizados e de má qualidade, escondidos nas profundezas mofadas da biblioteca; a relação, se sucedia alguma, com a prática profissional destas aulas afigurava-se, no mínimo, muito distante; e, finalmente, a geração de produtos cerebrais similares à melatonina, poderoso sonífero, ficava exageradamente induzida, levando parte dos discentes ao mais profundo coma. Abundantes recursos audiovisuais, *data shows* portentosos e até verdadeiros estúdios cinematográficos usados em algumas das preleções não adiantavam muito. Como dizia um dos alunos do primeiro ano:

– Se passar um filme de sacanagem com a Xuxa, a Gisele Bündchen e a Luma de Oliveira, o locutor sendo o professor de propedêutica, conseguirão pôr toda a classe para dormir em dez minutos.

O doutor não tinha nada a ver com isso: ele, quando Professor titular, fôra criticado na Congregação por dar aulas no curso de graduação – como os outros titulares deixaram claro em monumental sessão do sodalício, Professor titular não é para dar aulas. Tem funções muito mais importantes, como

participar de Comissões na Reitoria, Comissões da Diretoria da escola, Comissões no Governo do Estado e nas Secretarias da Saúde, como também dar assessorias a empresas farmacêuticas e fazer conferências em Congressos – isto é que é ser um titular por todos os títulos. Ainda por cima, apontou um docente de Cirurgia Superior (andar superior do abdome, pâncreas e duodeno, muito mais nobre que o andar inferior, onde ficam o colo, o reto e outras coisas que tais):

– Você, doutor, não satisfeito em dar aquelas aulinhas, ainda por cima não usa nada de mais moderno na didática armada. Você não usa nossos *data shows*, nos quais nosso querido Diretor investiu uma nota! Você dá aula como na Idade Média, escrevendo na lousa.

O doutor só perguntou aos ilustres congregados se, por acaso, havia uma queixa dos alunos sobre a sua atuação professoral – e perante o silêncio que subitamente se fez, declarou que, na inexistência de reclamação, não entendia por que não o deixavam em paz. Prometeu à augusta assembléia que no dia em que os alunos não o quisessem mais, ele imediatamente pararia de dar aulas, ou passaria a utilizar os recursos da moderna eletrônica.

Não se falou mais no assunto por muito tempo, até que, estando o doutor para se aposentar e fazendo só o que gostava – isto incluía dar aulas –, o nível de descontentamento dos alunos estourou e eles contestaram a estrutura educacional. Como os tempos mudaram – como dizia o

Diretor, bom era na época da ditadura, quando não tinha este negócio de greve e nem de dialogar com estes moleques –, o dirigente se reuniu com o pessoal do Centro Acadêmico e tentou convencê-los de que faculdade é assim mesmo:

– Medicina, meus filhos, a gente não aprende em aula.

Ao que atalhou um mal-educado:

– Nas aulas desta Faculdade, não mesmo.

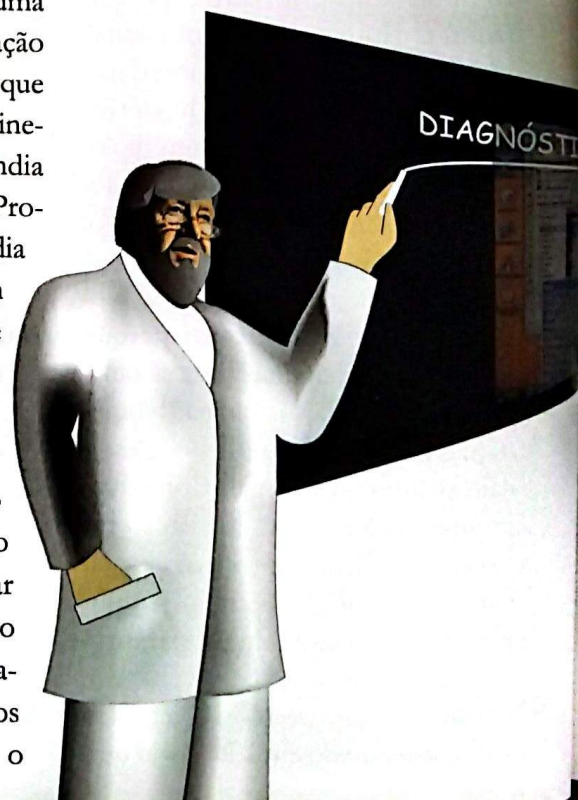
O Diretor se irritou:

– Não interrompa os mais velhos.

E ouviu-se lá do fundo da sala:

– Põe velho nisto.

– Como estava dizendo quando fui rudemente interrompido, Medicina se aprende é na prática e no exemplo dos mestres.



E mais uma voz distante soou:

– Estamos, portanto, completamente perdidos.

Prosseguiu o Diretor:

– Além do mais, esta impressão que vocês têm das aulas é falsa. Vocês estão acostumados com professores de cursinhos, aqueles caras são ótimos palhaços. Aqui é diferente e tenho certeza de que depois que investirmos em *data shows* e mais recursos didáticos, vocês logo perceberão a excelência do que temos a lhes dar.

Não convenceu os alunos, que voltaram à carga em outro dia, e, enfim, o Presidente do Centro Acadêmico foi ao Diretor com uma proposta indecente. Pelo menos para o Diretor:

– Senhor Diretor, vamos fazer uma experiência e vamos ver quem tem razão. Tem o doutor, que dá aula com aqueles recursos do tempo da onça, e tem os seus professores, com todos aqueles truques. Sugiro algo bem simples: o doutor dá uma aula num dia, um dos seus professores dá no dia seguinte uma aula na mesma hora (se ele der depois do almoço, não dá para comparar, que a

onda alcalina leva à sonolência), e depois a gente vota em quem foi o melhor – e aí o senhor se convence... ou nós nos convencemos. Prometo que o pessoal não vai ser tendencioso...

O Diretor pensou, pensou e disse:

– Tudo bem, eu topo. E para deixar a coisa ainda mais transparente, vamos no fim da segunda aula fazer uma votação moderna, interativa, com resultado imediato. Eu comprei esse sistema de um dos fornecedores de material de informática que por acaso – mero acaso – é primo do... esquece. Vocês topam?

Toparam, foi tudo devidamente programado, o doutor não se negou a participar da experiência e, no dia e hora marcados, foi lá dar sua modesta aulinha com o venerável giz e não menos venerável lousa.

No dia seguinte, todos os recursos – *web cam*, computador com super *data show*, incluindo animações e projeções simultâneas – embasaram uma supe-raula por um dos mais soporíferos discentes da nova geração, o cara que foi citado pelo grupo de estudos do sono como um terrível risco à sua profissão, já que assistir a uma aula dele resolvia qualquer insônia por qualquer causa.

No final desta aula, as luzes foram acesas, os dormentes foram despertados e foi feita a votação como ocorre em sessões interativas: cada aluno apertou ou um botão vermelho (a aula do velho melhor), ou verde (a aula do novo ganhava).

Logo antes da votação, o Diretor, que assistiu à preleção do seu pupilo e conseguiu, com alguma dificuldade, se manter desperto, fez questão de dizer:

– Pessoal, com este sistema ficamos sabendo imediatamente quem é o melhor, e espero que vocês agora se convençam.

Não deu outra: o novo ganhou do velho na base de três para um.

O doutor não ficou chateado – afinal, os meninos votaram no que acharam melhor. Mas os alunos estavam pasmos, e o que mais se ouviu na saída da sala foi:

– Não entendi. Você votou em quem?

– No doutor, uai. E você?

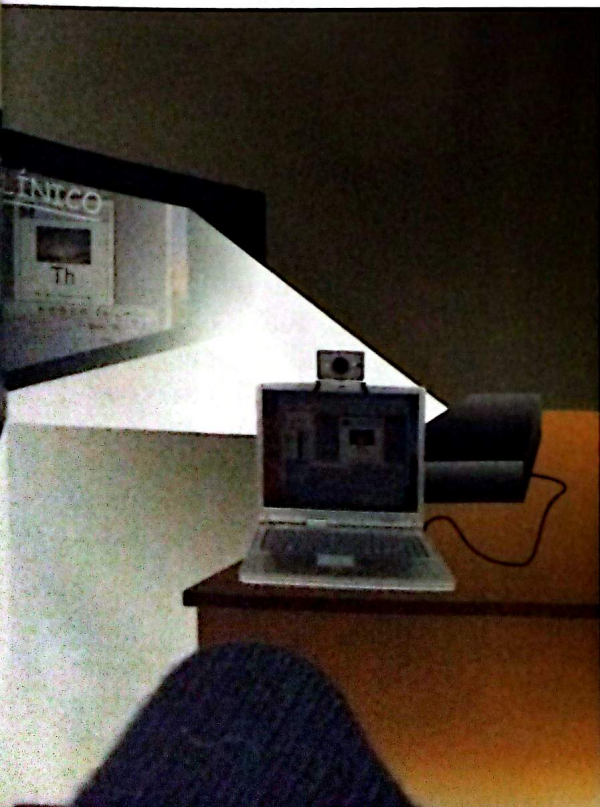
– Eu também.

Ficou um zum-zum-zum. Esta geração nova está condicionada a acreditar na tecnologia – e contra a tecnologia e suas evidências quem há de contestar? Afinal, os números estavam lá.

A história teria acabado por aí, não fosse o Maneco, um velho servidor da casa e encarregado de arrumar a sala da Congregação, o qual surpreendeu o professor de Informática Médica numa conversa com o Diretor alguns dias depois:

– Que belo programa enfiamos na sessão interativa. Certinho para o pessoal não desconfiar – se desse mais de 80% para a aula moderna, a coisa ficava mal. Desse jeito, acho que deu para provar nosso ponto. E por falar em recursos de informática, estou precisando contratar mais dois assistentes – tira uma vaga dos clínicos, que vão ser dispensáveis em mais alguns anos, quando o computador fará diagnóstico.

O Maneco, apesar de velho servidor, dá suas saídas por aí e há muito tempo elegeu o doutor como seu tratador oficial de gonorréias, pois já teve muitas e boas. Mesmo o doutor explicando que hoje em dia já há maiores perigos no exercício de atividades amorosas, o Maneco não toma jeito. Mas faz questão de contar ao doutor as fofocas da Diretoria e da Congregação.



**Vicente Amato Neto
e Jacyr Pasternak**
São Médicos e Professores
Universitários

Madrugada da Terça

Ivomar Gomes Duarte

Quando se tornam passado, situações tremendamente incômodas, irritantes ou até trágicas podem ser vistas ou compreendidas de outra forma, muitas vezes revelando um lado cômico antes não percebido.

Aconteceu numa madrugada de terça-feira, final dos anos 80 ou início dos anos 90, não me recordo exatamente o ano. Minha mulher e eu, naquele horário cinzento entre o final da noite e o começo da madrugada, levamos nossa filha para ser atendida em um Pronto-Socorro.

Recordo-me de que escolhemos esse serviço na certeza de encontrar um velho amigo, um colega de turma que, até onde sabíamos, deveria estar entre os plantonistas do noturno da terça-feira. Além disso, esse hospital público estava entre os bons serviços da cidade nos anos 80.

No trajeto, com toda aquela tensão, nossa filha continuava reclamando de dores abdominais e algumas vezes chegando a vomitar nos sacos plásticos e toalhas que levávamos no carro.

Chegando ao hospital com a menina no colo, fui rapidamente avançando em direção ao atendimento e, para surpresa, ao procurar pelo meu colega de turma, fui informado da sua folga nessa escala de plantão. Passado aquele instante de decepção, fizemos a ficha de atendimento e esperamos pelo atendimento.

Enquanto isso podíamos notar as pessoas ao redor, literalmente alvoroçadas. O som das sirenes das ambulâncias, que intermitentemente traziam novos pacientes, provocava as pessoas, aumentando a agitação pelos corredores e salas de espera.

Lembro-me de que, apesar do horário, o hospital estava cheio, e após alguma espera, fomos enfim chamados para o atendimento...

Minha mulher explicava ao pediatra de plantão os sintomas, a evolução e o estado de nossa filha; explicava também

as tentativas terapêuticas domésticas. Solicitada uma interconsulta com o cirurgião pediátrico, tivemos que aguardar na fila de espera pela disponibilidade desse profissional. A enfermeira explicou que havia muitos feridos e que a equipe cirúrgica estava envolvida com as suturas e os casos de maior gravidade. Algum tempo depois, nossa filha foi atendida, tendo o cirurgião solicitado alguns exames para uma melhor avaliação diagnóstica.

Nos dirigimos à radiologia e, em seguida, ao laboratório para colher sangue para análise, tudo isso após enfrentar quase uma hora de espera. Ao entrarmos no laboratório pude perceber um gorila saindo pela outra porta, amparando uma jovem que, igual a um saci, caminhava pulando em uma perna só (a outra estava enfaixada).

Na saída da sala de radiologia já havíamos cruzado com uma odalisca com o antebraço improvisadamente imobilizado, sugerindo possível fratura, auxiliada por seu par (marido, namorado ou sultão) vestido com uma túnica branca estilo árabe. Encontramos, mais adiante, uma legião de soldados romanos, uns cinco, que, aos gritos, traziam nos braços um de seus legionários em aparente crise convulsiva.

Nas macas, cadeiras e sentados no chão estavam alguns piratas, homens e mulheres seminus, arlequins, colombianas, marinheiros, napoleões, homens-aranha e toda uma legião de super-heróis, a maioria deles vencidos pela bebida, cansaço e derrubados pela exaustão.

Se bem me recordo ou imagino, havia também, na área de espera, diante dos boxes de atendimento de urgência, vários componentes de uma escola de samba, dessas mambembes, desconhecidas, do último grupo. Aguardavam notícias do ritmista, que, bastante emocionado, teve forte dor no peito durante o desfile e, conforme um dos acom-

panhantes me contou, suspeitavam de um ataque cardíaco.

Afastados os diagnósticos mais preocupantes e após tomar a medicação indicada, a nossa menina dormiu e ficou, como dizem, “em regime de observação”. Enquanto isso, minha mulher conversava com outra mãe que passava por situação semelhante.

No começo da manhã, enquanto aguardávamos, pudemos assistir à troca de plantão. Os que saíam não podiam esconder a exaustão e o cansaço, misturados com a sensação de dever cumprido e de alívio. Chegavam médicos, enfermeiros, escriturários, alguns ainda com confetes nos cabelos. Muitos estampavam na face o desejo de ter permanecido por mais tempo na cama; outros tinham a cara de quem acaba de sair de uma festa. Era o mais perfeito retrato de uma típica cinzenta quarta-feira.

Ainda na saída, enquanto nos dirigíamos ao estacionamento, cruzamos com um jovem envolto em restos de uma fantasia vomitando copiosamente no jardim do hospital amparado pelo poste da luminária. Ao subirmos no carro e rumarmos para nossa casa, voltamos a sorrir aliviados pela recuperação de nossa filha e, só então, pudemos entender tudo aquilo que passamos. Percebemos que tínhamos sido, sem querer, figurantes ou personagens de algum fictício filme de Frederico Fellini, pois somente ele poderia imaginar aquele conjunto de acontecimentos e produzir tais cenas.

Afinal, era a madrugada de uma terça-feira gorda de um carnaval, observada pelo lado de dentro de um pronto-socorro público na cidade de São Paulo.

Ivomar Gomes Duarte
é Médico Sanitarista e Médico
do Trabalho

1º Prêmio Literário José Celestino Bourroul

"O melhor livro sobre São Paulo"

A Academia Paulista de História – APH – promove o "1º Prêmio Literário José Celestino Bourroul – 2005", que será concedido ao melhor livro publicado sobre a história de São Paulo no ano de 2005.

Regulamento:

1. O concurso é destinado a todos os escritores.
2. Não poderão participar acadêmicos integrantes da APH.
3. A inscrição é isenta de qualquer taxa.
4. O participante deve enviar um exemplar do livro publicado em 2005 e, em uma folha à parte, as seguintes informações: nome completo, idade, endereço e telefone, acompanhados de uma foto do autor, tipo passaporte.
5. Os livros deverão ser entregues ou enviados para: Academia Paulista de História – APH, Rua Tabapuã, 540, 11º andar, Itaim Bibi – CEP: 04533-001 – São Paulo – SP, indicando o nome: "1º Prêmio Literário José Celestino Bourroul – 2005", até o dia 30 de setembro de 2005.
6. O melhor autor ou autores do livro receberão, em sessão solene, além de medalha e diploma, a premiação em dinheiro no valor de R\$ 5.000,00.
7. Os livros enviados não serão devolvidos.
8. A escolha do trabalho será efetuada por uma comissão julgadora, constituída por integrantes da Academia Paulista de História – APH – e por especialistas designados pela instituição.
9. A entrega do referido prêmio ao vencedor será no final do ano de 2005, em solenidade a ser realizada em São Paulo – SP.



Desfile

Lúcia Narbot Ermetice

Debruçada à janela
observo os transeuntes.

Passam.
Rostos alegres, rostos tristes,
atletas e aleijados,
mendigos e milionários,
adultos, crianças, velhos,
anjos, demônios, ou nem-tanto,
todos passam.

Debruçada à janela
observo os transeuntes.

De repente me advirto:
no que passam,
no desfile,
passa também a vida,
e eu só olhando.

Pulo a janela, corro,
que me esperem!...
eu vou junto.

Rugas

Lúcia Narbot Ermetice

Frente ao espelho, com cuidado,
analiso cada ruga de meu rosto.
São dobras que o Tempo,
quando nas roça, faz.
Esta aqui será talvez
a febre que um filho teve?
a outra ruga uma rusga
a perda de alguém querido
desavença com um amigo,
será dor ou sofrimento?
Tudo isso e muito mais.

Cada ruga é algo que aprendi,
que chorei ou que sofri
mas também o que sorri,
o que sonhei, o que venci.
São caminhos
que a Vida percorreu
em minha vida.
Abençoada seja cada uma
das rugas de meu rosto.
Elas são tudo aquilo que vivi.

Crepúsculo

Afiz Sadi

Nuvens esparsas na natureza
 Súbito o dia se transforma em noite
 Nada se distingue ao longe
 A abóboda celeste confunde-se com
 o infinito
 Onde ele está nunca se sabe
 Atônita, percorre a mente humana
 em meio a escuridão da natureza.
 Nada se vê, tudo se embota.
 Lembranças surgem de um passado
 remoto.
 Visões de um cérebro arquivador
 de imagens nos escaninhos neuronais.
 Tateia-se ao caminhar, tropeça-se aqui
 e acolá;
 Mas as réstias desse passado são vivas
 e imorredouras.
 São crepúsculos nesse final de vida.
 Obscurantismos nos raios luminosos
 de um feliz passado.
 Eis que de repente tudo se alumia
 Volve a vida viva no evolver da vida.
 Mas o crepúsculo do sonhador
 persiste incólume no seu devaneio,
 lamentando o anoitecer da vida.

A Prova da Trova

Fábio Guimarães Lobo

Velho médico que sou,
 Conheço a desdita de agora,
 Que o jovem médico pegou,
 Buscando... a vida de outrora.

Na Capital e no Interior,
 Tanto o rico como o pobre,
 Só queriam o seu doutor,
 Para tal mister tão nobre.

Mas o tempo vai passando,
 Chega a vez do consultório,
 Com a família formando...
 Logo depois do casório.

Filho chega, filha vem...
 Até que a coisa não vai mal,
 Pois o sistema que convém:
 É o trabalho liberal.

Liberal... que utopia!...
 Não dura o labor ético,
 Pois, com muita felonía,
 Surge o convênio... tão tético.

E a consulta ao doente,
 Outrora de meia hora,
 Passa agora, num repente,
 Para um rápido: vá pra fora!...

E pra tanta exploração
 Trazida pelo convênio
 Não agüenta o coração
 Nem com muito oxigênio!

E agora, minha gente,
 Com esse trabalho tão duro,
 Como fica o nosso doente
 Dum jeito tão sem futuro?

Com quatro "bicos" por dia
 Pulando daqui pra acolá,
 Ganhando uma ninharia
 Que mal dá pra um jabá...

Chega já caro doutor,
 Vamos é sentar o pau...
 Fazendo voltar com rigor,
 A LIVRE ESCOLHA LIBERAL!...

A Vela

(1971-2005)

Hudson Hubner França

Na sala clara
 em castiçal de prata
 orgulhosamente
 a vela
 domina o ambiente.

Na noite escura
 trêmula
 a vela insegura
 espanta os fantasmas

que ela mesma
 espalha ao redor.
 Pálida
 apavorada
 consome-se devagar
 enquanto lágrimas quentes
 rolam de seu olho assustado
 cansado
 vermelho de tanto chorar.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Alfredo de Freitas Santos Filho

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)] / Carlos Alberto Salvatore /
 Antônio Valdemar Tosi / Marisa Campos M. Amato / Rui Telles Pereira / Yvonne Capuano / João Marques Teixeira

Cinemateca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Aldir Mendes de Souza

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany – **Coordenação Musical:** Dartiu Xavier da Silveira